

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
SETOR LITORAL

SUELY DOS SANTOS DA SILVA

ESTÁGIO SUPERVISIONADO: UM ESPAÇO DE TRANSIÇÃO ENTRE A VIDA  
ACADÊMICA E A VIDA PROFISSIONAL

MATINHOS  
2018

SUELY DOS SANTOS DA SILVA

ESTÁGIO SUPERVISIONADO: UM ESPAÇO ENTRE A VIDA ACADÊMICA E  
A VIDA PROFISSIONAL

Trabalho de Conclusão do Curso de Graduação de  
Licenciatura em Ciências da Universidade Federal  
do Paraná- setor Litoral, apresentado como requisito  
parcial à obtenção do título de Licenciatura em  
Ciências.

Orientadora: Prof. Dr<sup>a</sup> Suzana Cini Freitas Nicolodi

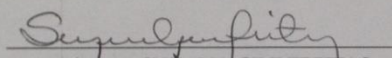
MATINHOS

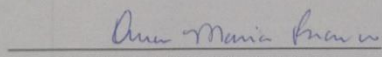
2018

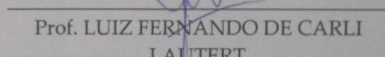
## PARECER DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

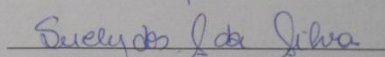
Os membros da Banca Examinadora realizaram em 05/12/2018 a avaliação do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) de **SUELY DOS SANTOS DA SILVA**, sob o título "Estágio Supervisionado: Um espaço de transição entre a vida acadêmica e a vida profissional", como requisito parcial para obtenção do Título de *Licencianda em Ciências* pela Universidade Federal do Paraná – Setor Litoral, tendo a estudante sido Aprovada.

Matinhos, 05 de DEZEMBRO de 2018.

  
Prof.<sup>a</sup> Dra. SUZANA CINI FREITAS  
NICOLODI  
Orientadora

  
Prof.<sup>a</sup>. ANA MARIA FRANCO  
Membro da banca

  
Prof. LUIZ FERNANDO DE CARLI  
LAUTERT  
Membro da banca

  
SUELY DOS SANTOS DA SILVA  
Estudante

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus em primeiro lugar, por ter me dado o privilégio de chegar a uma Universidade Federal e por todos os dias ter me guardado de todos os perigos de idas e vindas do meu trajeto para realizar este curso de Licenciatura em Ciências.

Ao meu marido, Paulo Luiz, por não ter me deixado desistir e que sempre me apoiou para que eu alcançasse um futuro melhor. Pela paciência de todas as noites que ficava sozinho me esperando chegar.

Aos meus pais, que sempre me aconselharam, ensinando que estudo é tudo na vida do ser humano, pelo incentivo a não desistir.

Também agradeço à minha irmã, Claudiane, que indicou este Curso, pois ela confiava que eu iria obter êxito sem desistir.

À minha orientadora, professora. Suzana Cini Freitas Nicolodi, pelo suporte sempre que necessário, pelas orientações, pelas correções e incentivos.

E a todos que, direta ou indiretamente, fizeram parte da minha formação, o meu muito obrigado!

## **RESUMO**

Este trabalho tem como finalidade, relatar a vivência do estágio supervisionado nas suas quatro etapas do curso de Licenciatura em Ciências turma de 2015 da Universidade Federal do Paraná Setor Litoral em Matinhos, Pr. Em cada etapa relato passo a passo as observações em sala, às atividades desenvolvidas com os alunos das escolas Tereza da Silva Ramos, Gabriel de Lara e Sertãozinho. Ao longo do trabalho, vou descrevendo a importância do estágio na vida do acadêmico e como outros tipos de espaços de formação ICH (Integração Cultural e Humanística), PA (Projeto de Aprendizagem) e PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência) ajudam e muito no processo de transição da vida do acadêmico para a vida profissional.

Palavras chave: estágio supervisionado, espaços de formação.

## **ABSTRACT**

The purpose of this work is to report the experience of the supervised internship in its four stages of the undergraduate course in Science of 2015 of the Federal University of Paraná Sector Litoral in Matinhos, Pr. activities developed with the students of the Tereza da Silva Ramos, Gabriel de Lara and Sertãozinho schools. Throughout my work, I describe the importance of the internship in the life of the academic and how other types of ICH (Cultural and Humanistic Integration), PA (Learning Project) and PIBID (Institutional Scholarship Initiation Program) help and much in the transition process from the life of the academic to the professional life.

Key words: supervised internship, training spaces.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b>	10
<b>2. O ESTÁGIO SUPERVISIONADO NA FORMAÇÃO DOCENTE</b>	11
2.1 Estágio I : Conhecendo A Escola Estadual Sertãozinho	11
2.2 Estágio II : Escola Estadual Tereza Da Silva Ramos	13
2.3 Estágio III: Retorno Ao Colégio Estadual Sertãozinho	16
2.4 Estágio IV: Projeto Na Escola Gabriel De Lara	18
<b>3. OUTROS ESPAÇOS DE FORMAÇÃO QUE AUXILIARAM NA TRANSIÇÃO DA DISCENTE PARA A DOCENTE</b>	23
3.1 Programa Institucional de Bolsas de Iniciação À Docência – PIBID: Espaço de Formação de Professores	23
3.2 Projeto de Aprendizagem – PA	24
3.3 As Interações Culturais Humanísticas - ICH e suas contribuições para a formação docente	26
<b>4. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	27
<b>5. REFERÊNCIAS</b>	29

## HISTÓRIA DE VIDA

Nasci na cidade de Paranaguá- Litoral do Paraná em 14 de junho de 1985 sou a terceira de cinco filhos de Adão Pio da Silva e Geralda dos Santos da Silva. Meus pais apenas decidiram onde seria o meu parto, pois residiam e residem até hoje em Matinhos – PR, cidade onde cresci e permaneço até o presente momento. Sou casada, não tenho filhos, apenas sobrinhos que são minha alegria e que amo de mais.

Estudei as séries iniciais na Escola Municipal “Leocádia Orlowski dos Santos” que, na ocasião, compartilhava o mesmo prédio com o Colégio Estadual Sertãozinho. Da quinta série até o ensino médio concluí os estudos no Colégio Estadual Sertãozinho, e é desta mesma escola que ao longo do texto relato parte de minhas experiências como estagiária para a docência .

Confesso que é um pouco difícil falar da minha trajetória escolar, pois naquela época fui muito oprimida e sinto que ainda carrego comigo o trauma de ser constantemente humilhada. Desde os anos iniciais até mais ou menos na 8ª série foi muito difícil para mim. Estudava o tempo todo na base de gritos de professores, preconceito de alunos e, às vezes, também de professores. Era difícil eu ter um(a) coleguinha que quisesse fazer dupla em trabalhos de sala comigo, só acontecia quando sobrava alguém para fazer. Olhando para isso entendo o que impedia era apenas a minha cor da pele, eu percebia claramente, não havia outro motivo, uma vez que eu era boa aluna e minhas notas nunca eram ruins. Aos poucos fui deixando que o medo de expor minhas vontades, minhas opiniões, tomassem conta de mim. Era aquele medo de levantar a mão e responder alguma questão, ou fazer alguma pergunta, de pedir para ir ao banheiro e tantas outras coisas. Assim, fui ficando cada vez mais recolhida, tinha medo até mesmo de comentar com meus pais sobre os problemas que enfrentava, foi bem difícil este período escolar.

Chegando ao ensino médio acredito que as coisas foram se arrumando na minha cabeça e, aos poucos, fui vendo que eu tinha que reagir, pois aquilo tudo me machucava muito. Como no ensino médio eram outros professores, até mesmo os comportamentos dos próprios professores, entendi que eu tinha o direito de me expressar também, assim como os meus colegas podiam e faziam. A interação dos professores com os alunos nessa época foi bem



diferenciada, já não havia gritos, era conversa e quando algo não estava certo, eles buscavam ver o que estava acontecendo. Que bom se os professores fossem como hoje, acredito que não formariam alunos bloqueados para enfrentar a vida! A violência, seja física ou psicológica, praticada contra a criança traz danos consideráveis a uma dimensão subjetiva importante que é a autoestima. Segundo Vigotski (1929/2000,p.33), é na relação com o outro que o professor torna-se professor. É, ainda, nas e pelas relações que o professor conhece e constrói o contexto, a prática docente e os aspectos das relações entre professor-aluno e suas particularidades. Em 2004 aconteceu minha formatura no Colégio Estadual Sertãozinho e aí começou o dilema: o que fazer agora? Meus pais não tinham dinheiro para pagar uma faculdade. Trabalho? Ninguém chamava sem experiência. E assim, um ano se passou, um ano perdido.

Após esse período consegui um trabalho em um hotel e restaurante, já que éramos cinco pessoas em casa e só meu pai trabalhando. Mal recebia para nos alimentar, era justo que eu contribuísse. Trabalhei por cinco anos e meio neste local e foi ali que eu me tornei uma pessoa totalmente independente. Morava sozinha e precisava que me virar, acredito que foi o que melhor poderia ter me acontecido, aumentei minha experiência de vida por meio da interação com várias pessoas e quando vi, já não era mais aquela menina boba, frágil e com medo de expor minhas vontades,. Porém, o drama vivido lá atrás ficou gravado em minha memória, não tem chance de esquecer.

Antes de sair desse restaurante, prestei vestibular em Guaratuba na faculdade ISEPE (Instituto Superior de ensino, Pesquisa e Extensão), para o Curso de Direito. Estudei por dois anos e, por falta de recursos, precisei trancar minha matrícula, embora tenha adorado o Curso.

Passados quase dois anos, minha irmã, que já fazia licenciatura em Ciências aqui na Universidade Federal - Setor Litoral, sugeriu que eu realizasse o mesmo curso, e que era mais a minha cara. Então, em final de 2014 resolvi prestar o vestibular de licenciatura em Ciências e graças ao meu bom Deus, passei.

## 1. INTRODUÇÃO

O Curso de Licenciatura em Ciências tem como finalidade capacitar o acadêmico no ambiente de trabalho, sendo imprescindível essa etapa do estágio no desenvolvimento do discente para melhor compreender os desafios para o desenvolvimento do educador.

Nessa perspectiva, este trabalho tem por objetivo relatar atividades desenvolvidas nos estágios em quatro etapas semestrais. A primeira etapa foi desenvolvida no Colégio Estadual Sertãozinho; a segunda, no Colégio Estadual Tereza da Silva Ramos; na terceira etapa retorno para o Colégio Estadual Sertãozinho e finalizo o quarto estágio no Colégio Estadual Gabriel de Lara.

Nas palavras de Cunha & Vilarinho (2009, p. 137):

a formação de professores precisa estar comprometida com o desenvolvimento da capacidade de pensar criticamente associada a uma atitude coletivo-reflexiva. Quando as práticas formativas emancipatórias se articulam colaboram para a (re)construção de uma sociedade mais democrática.

Teci minhas reflexões com um olhar de uma estagiária que buscou relacionar a teoria com a prática e também visualizar a realidade de sala de aula que, certamente, irei encarar com maiores ou menores dificuldades a cada dia.

Com Cury (2003, p.55), acredito que

educar é acreditar na vida, mesmo que derramemos lágrimas. Educar é ter esperança no futuro, mesmo que os jovens nos decepcionem no presente. Educar é semear com sabedoria e colher com paciência. Educar é ser um garimpeiro que procura os tesouros do coração.

Na sequência do trabalho, apresento, ainda, reflexões sobre outros espaços de formação que de alguma maneira me proporcionaram aprendizagens significativas.

## **2. O ESTÁGIO SUPERVISIONADO NA FORMAÇÃO DOCENTE**

O Estágio Supervisionado é um percurso de aprendizagem necessário a um futuro professor que deseja realmente estar preparado para enfrentar os desafios da carreira docente. Nele os estagiários são incentivados a conhecer espaços educativos entrando em contato com a realidade sociocultural da população e da realidade da profissão que optou para desempenhar, pois, quando o acadêmico entra em contato com as atividades que o estágio lhe oportuniza, começa a compreender a realidade educacional.

Segundo Tardif (2002), a profissão de um professor se constrói tendo quatro pilares como base que são: os saberes da formação profissional, os saberes disciplinares, os saberes curriculares e os saberes experienciais que são construídos no decorrer do seu cotidiano.

Nessa perspectiva, a seguir trago as experiências que vivenciei e reflexões que teci nas quatro etapas de estágio ao longo da minha formação.

### **2.1 Estágio I : Conhecendo A Escola Estadual Sertãozinho**

O Colégio Estadual Sertãozinho foi inaugurado em 13 de junho de 1988 em uma parceria com a prefeitura municipal de Matinhos e o governo estadual do Paraná. Iniciou sua oferta com o ensino primário e fundamental nos períodos da manhã e tarde. No ano de 1989 teve sua primeira diretora, Professora Marilza de Fátima Portella e vice Professora Alexandrina Souza kachechen. Já em 1992 foi autorizado o período noturno, anos mais tarde, em 1999, o ensino médio passa a ser ofertado.

Atualmente o Colégio possui 41 turmas nos períodos da manhã, tarde e noite com mais de 1400 estudantes e conta com 63 docentes para os três períodos, 21 funcionários entre administrativos e serviços gerais.

Quanto aos recursos físicos da escola, possui 16 salas divididas para 38 turmas do período. Possui, também, um laboratório de informática funcionando em período contra turno das aulas para atender a demanda dos alunos; uma biblioteca em funcionamento normal; um laboratório de química e física, porém, este último inativo; uma quadra poliesportiva coberta; uma área de alimentação com cantina; sala de professores; sala da pedagogia e sala da direção.

Nesse estágio o objetivo principal era observação. Assim, foquei mais em conhecer como se dava a relação entre os alunos e a professora Daniele que, por sinal, os alunos a tinham como colega deles.

A metodologia utilizada era sempre a mesma, privilegiava o pensamento que converge à uma única resposta e tida como verdadeira. Em todas as vezes que estive presente as aulas foram desenvolvidas da mesma forma, quadro e livro didático para auxiliar os alunos, aparentemente, pautada do paradigma tradicional de ensino, onde a metodologia foca no ensinar e não no aprender, os estudantes passam a ser repetidores do conhecimento.

Corroborando com Freire (1979, p. 22), “as metodologias devem ser instrumentos dos educandos, e não somente dos educadores, identificando assim, o conteúdo da aprendizagem com o processo mesmo de aprender”. Portanto, essa proposição possibilita novos olhares, coletividade, releitura da realidade e reflexões sob diversas formas de construir o conhecimento.

Consegui, também, colher algumas informações de funcionários do colégio, que relataram sobre as melhorias do colégio e que tudo ocorreu pela boa gestão do diretor. As observações ocorreram nas aulas de ciências no turno da tarde com o 6º ano e da noite com turmas do 8º ano do ensino fundamental.

Nos primeiros dias de estágio pude perceber que a professora ficou meio sem jeito com a minha presença em sala de aula, mesmo sabendo que eu estava ali para auxiliá-la nas aulas caso precisasse. Com o passar dos dias percebi que ela foi se acostumando com a minha presença. Esse primeiro momento de chegar no colégio dá uma sensação de que somos intrusos, a ansiedade aumenta, mas aos poucos vamos nos adaptando, tanto nós como os alunos.

Neste primeiro estágio ainda não tinha noção do quão grande é a responsabilidade de um professor em sala, e assim Enfim, esse primeiro estágio serviu para que eu como futura professora tivesse clareza e certeza do que é ser um professor no âmbito profissional.

## **2.2 Estágio II : Escola Estadual Tereza Da Silva Ramos**

O estágio supervisionado II foi realizado em turmas do 7º ao 9º ano do ensino fundamental no período matutino e vespertino, com a supervisão da professora Maria de Fatima Consoni, na Escola Estadual Tereza da Silva Ramos, localizado no bairro Tabuleiro, município de Matinhos PR. Durante este semestre, seis semanas foram utilizadas para realização do estágio, em que participei das aulas nas segundas, terças e sextas-feiras, totalizando uma carga horaria total de sessenta e quatro horas e cinquenta minutos.

Esta etapa do estágio supervisionado teve por objetivo de observar a realidade da escola, podendo, assim, realizar um planejamento de intervenção sobre uma determinada problemática para ser aplicada ao longo dos próximos semestres.

A professora Regente Maria de Fátima possui um bom relacionamento com os alunos e é visível que eles retribuem esse carinho à ela. Sempre ao iniciar suas aulas, primeiramente, faz a chamada e logo após parte para as explicações. Utiliza muito o recurso de figuras de linguagem como exemplo, que é uma expressão utilizada com o objetivo de ampliar o significado de um texto literário ou também para suprir a falta de termos adequados. Percebi que os estudantes aprendem bem desta forma, pois cada vez que ela perguntava algo para eles, as respostas vinham de imediato.

A professora procura sempre manter a turma sob controle, quando eles começam a conversar, ela imediatamente chama-lhes a atenção. Os incentiva ao estudo e está sempre à disposição para esclarecer qualquer dúvida dos alunos. São poucos os professores que gostam e executam seu trabalho com dedicação.

De acordo com Freire (2010, p 47) “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção. Quando um professor entra em sala de aula deve estar sendo um ser aberto a indagações, à curiosidades, às perguntas dos alunos, a suas inibições; um ser crítico e inquiridor, inquieto em fase da tarefa que tenho – *a de ensinar e não a de transferir conhecimento*”.

Enquanto estava na escola foi possível fazer diversos olhares, por exemplo, o modo de trabalhar dos professores utilizando a metodologia tradicional, na qual se fazia presente o uso do quadro negro e do livro.

Cada estudante possui um livro didático para auxiliar nos estudos, a escola possui um espaço físico grande. A biblioteca é repleta de bons livros, porém, o espaço interno é muito pequeno. A escola não tem um laboratório para utilizar nas aulas de ciências, inclusive comentaram sobre essa questão, o quanto faz falta um laboratório na escola.

Também observei que tem alguns alunos que precisam de um acompanhamento especial e não tem professores especializados para os auxiliá-los. Infelizmente, para alguns profissionais da educação, o currículo ainda se restringe ao programa de conteúdo das disciplinas, metodologias e estratégias ou mesmo as matérias que compõe um curso. Tais educadores apresentam dificuldades em concebê-los numa definição mais ampla, que não se limite à instrução, que abranja as relações e aprendizagens sociais. Acredito que isso compromete práticas desejáveis à educação de muitos alunos, particularmente daqueles com necessidades educacionais especiais.

Nos dias que eu estava estagiando pude presenciar alguns temas que a professora Maria de Fatima ministrou aos alunos, como:

- Características dos Seres Vivos;
- Seres Procariontes e Eucariontes;
- Origem dos Seres Vivos;
- Os reinos dos Seres Vivos;
- Características gerais dos Vírus;
- Bactérias e Meio Ambiente;
- Fenômenos e Elementos Químicos.

Em um dos dias fui para o estágio e a professora não pode ir, deixou uma atividade para eu e mais uma colega de Curso que estava estagiando comigo desenvolver em sala de aula com os alunos. Gostei bastante, pois essa foi a primeira experiência em sala de aula sem o auxílio de um regente. Confesso que fiquei apreensiva, mas ao mesmo tempo desafiada. Assim que cheguei na sala, esperei os alunos entrarem, me apresentei e fiz a chamada. Notei que eles ficaram curiosos e um pouco receosos com a nossa presença. Nesse dia eu entrei em duas turmas no período da manhã 9º A e 9º C e no

período da tarde os 7ºs A, B e C, onde foi desenvolvida uma atividade de cruzadinhas com uma sequência de dezessete perguntas com o tema Fenômenos e Elementos Químicos.

Na turma 9º A observei perceber que os alunos são mais aplicados, tiveram poucas dúvidas. Já na turma 9º C os alunos tinham mais dificuldade no aprendizado e eram bem agitados, foi difícil para nós estagiários manter o controle da turma. Já no período da tarde com os 7ºs anos não teve muita diferença, os alunos também eram bem agitados, mas percebi que eles eram aplicados e aquele jeito deles se comportarem em sala de aula, de certa maneira, fazia parte da forma de aprendizagem deles.

Meu comportamento frente aos alunos naquele momento foi demonstrar que eu estava ali não só como uma professora, mas também como uma amiga que queria ajudá-los, independente da dificuldade que tivessem.

Em uma consulta que eu fiz no site: <http://pensandomelhor.blogspot.com.br/> para saber as causas que influenciam no comportamento de um aluno em sala, pude perceber e entender que um professor antes de querer castigar o estudante por seu mau comportamento, precisa procurar saber o porquê ele age daquela forma e, assim, ajudá-lo. Podem ser exemplos:

1. A pessoa pode estar tentando evitar uma situação, um local ou uma pessoa.
2. Ela pode estar em busca de atenção, tempo a sós, controle, etc.
3. Pode estar com necessidades físicas tais como fome, sede ou cansaço.
4. O problema de comportamento pode indicar problemas de saúde, como uma doença, dor ou efeitos da medicação.
5. A pessoa pode estar sentindo emoções como raiva, medo, ansiedade, tristeza, confusão, felicidade ou frustração.
6. Problemas em casa.

Essa etapa do estágio foi muito importante e enriquecedora, momentos mágicos vividos numa sala de aula que, apesar de pequenas dificuldades dos alunos, exigiram muito de mim. Encarar frente a frente toda a dialética educacional, os problemas que apareciam, mas, sobretudo, foi muito prazerosa a troca de conhecimentos, a atenção que cada um do seu jeito, disponibilizou para compreender os assuntos e os temas abordados. Foi muito satisfatório,

não apenas pelo aprendizado, mas pelos gestos de aceitação, pelo retorno dado a cada visita que eu estava presente em sala de aula.

### **2.3 Estágio III: Retorno Ao Colégio Estadual Sertãozinho**

O Estágio Supervisionado III, aconteceu novamente no Colégio Estadual Sertãozinho. Fui com o objetivo de não somente observar, mas de colocar em prática o que eu, por meio dos dois estágios anteriores tinha aprendido observando.

Durante a fase de observação nessa escola observei como é o relacionamento dos alunos com o professor, do professor com alguns colegas de trabalho, o perfil dos alunos e a forma como o professor aborda os conteúdos. Pelo que pude perceber ainda, ela é respeitada pelos demais professores e apresenta relacionamento bem afetivo com grande parte dos alunos da turma. A maioria dos alunos do 8º ano mantém silêncio durante as aulas de ciências ministradas pela professora e eles respondem às atividades propostas.

É importante mencionar que a professora durante as aulas geminadas que aconteciam no período da noite, conversava bastante com os alunos sobre a importância de se ter uma profissão, de preparar-se para o vestibular e de passar em uma universidade, utilizava o exemplo meu da minha colega Paula como algo alcançado, apesar da idade, de termos famílias onde trabalhamos para manter o sustento, estamos nós e muitos outros em busca do tempo perdido e de uma vida mais digna.

A meu ver, como os estudantes do período noturno são na maioria pessoas que trabalham e entre eles muitos são jovens que estão conhecendo a vida agora, ela enfatizou naquele momento, o quão valioso é a pessoa ter seus objetivos alcançados.

No dia 28 de abril houve uma paralização contra as reformas propostas pelo governo, alguns professores não deram aula, mas a nossa professora supervisora estava em sala. Nesse dia fui estagiar no período da noite, haviam poucos alunos e, então, a professora resolveu revisar conteúdos anteriores sobre a Terra e, em seguida, passou um vídeo sobre a sustentabilidade na terra ( ecossistemas ). Nesse dia pude perceber o quanto a questão da evasão



se faz presente, talvez pelo fato de muitos trabalharem durante o dia. Está aí uma questão que deveria ser mais aprofundada, pois acredito que existam inúmeras razões para que isso aconteça.

Em alguns dias de estágio no período noturno do 8º ano, na sala de recursos para os alunos com necessidades especiais psicológicas, apenas cerca de 10 alunos compareciam. A professora comentou que a frequência é sempre baixa e que eles têm muita dificuldade, é necessário relembrar os assuntos anteriores para proceder atividades seguintes.

Nesse dia a matéria ministrada pela professora foi sistemas do corpo humano. A professora Daniele explicou que é preciso diferenciar problemas e dificuldades de aprendizagem e afirmou que os professores são muito importantes no processo de intervenção, independente do problema apresentado: “seu olhar, sua postura, sua afetividade fazem toda a diferença”. Todos temos alguma dificuldade, uns mais, outros menos e é aí que a gente percebe os verdadeiros professores que lutam com amor aos outros, não somente pela remuneração.

Nesse mesmo dia, das 19hs e 50min às 20hs e 30min acompanhei também a professora em uma aula geminada na turma do 9º ano, onde ela iniciou a aula falando de modelos atômicos. Nesta turma os alunos eram bem dispersos e poucos também, mas, mesmo assim, a professora ministrou sua aula que como de costume. Era o conteúdo do livro didático, ela solicitava que copiassem para que depois explicarem a respeito do assunto. E a aula transcorria como se eles estivessem prestando atenção.

Cada etapa do estágio até aqui foi de fundamental importância não só para nos preparar para docência, mas para ampliar o entendimento sobre o meio em que se está inserido, além de permitir que fôssemos nos deparando com as responsabilidades do dia a dia do trabalho com segurança e autonomia, levando-nos à reflexão individual e coletiva do ser docente, do nosso protagonismo na construção da identidade profissional e aproximação com a realidade na qual atuaremos.

Construí laços bem bacanas com alguns alunos e lembrarei com carinho da maioria deles. Foi uma experiência única que vem a somar, podendo, com base na vivência obtida, melhorar minhas próximas práticas no ensino de ciências. O convívio com os alunos amplia o conhecimento do professor a

cerca da realidade do aluno, aprendendo a respeitar e ser respeitado, trocando conhecimentos e opiniões e construindo e fortalecendo valores, contribuindo para o desenvolvimento de um ser social.

#### **2.4 Estágio IV: Projeto Na Escola Gabriel De Lara**

O estágio IV foi realizado na Escola Gabriel de Lara, com os estudantes do 9º ano noturno. A proposta foi diferenciada, pois integrou módulos os módulos de fundamentos teóricos práticos com o estágio supervisionado. Fizemos parceria com a escola e foi possível realizar um estágio coletivamente, em docência compartilhada.

Nós estagiários, licenciandos, nos reuníamos em grupos todas as segundas e terças na universidade, com os professores mediadores Suzana, Valentim, e Luiz Everson para planejarmos, aprofundarmos questões teóricas e, também, discutirmos os resultados e possíveis novos rumos a serem tomados durante o estágio.

Acordamos que o tema central a ser desenvolvido com os estudantes seria resíduos sólidos. Assim, todas as quintas feiras, a turma de licenciandos ia até a escola para trabalhar com a turma de estudantes do 9º ano. Vale destacar que tanto a turma da universidade como a da escola foi dividida em quatro coletivos de trabalho, assim, cada grupo de universitários estava responsável por um grupo de estudantes.

Compreendemos importante desenvolver este trabalho dentro do paradigma educacional emancipatório com a intenção de que os estudantes pudessem participar de todas etapas do projeto, inclusive do seu planejamento. Freire (1996, p.52) afirma que "ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção". Acredito que a escola deve estar voltada para a formação humana do indivíduo, orientando no papel que desempenhará na sociedade da qual faz parte, respeitando assim a diversidade cultural de cada indivíduo.

Assim, cada coletivo de trabalho partiu do tema central e desenvolveu seu projeto aprofundando em um subtema, no caso do nosso coletivo era o descarte correto dos resíduos e o impacto ambiental do mesmo.

Realizamos várias atividades, relatarei duas que penso expressarem a intencionalidade do nosso trabalho. Em uma das quintas feiras de encontro com os estudantes, acontecia o II Encontro Internacional de Licenciaturas e II Seminário de Integração das Licenciaturas da UFPR Litoral, com o tema 'A experiência pedagógica em pauta'. Desse modo, nosso encontro com os estudantes aconteceu na universidade e eles participaram de um dos grupos de trabalho que acontecia no evento, a temática era Pedagogia Social, espaços pedagógicos não formais.

O propósito do grupo de trabalho era socializar pesquisas e reflexões a respeito dos espaços de atuação dos professores em ambientes ou situações extra escolares, ou seja, aqueles que não integram o sistema de ensino oficial, buscou-se por experiências que abordssem ambientes de atuação dos professores nas quais a aprendizagem e o exercício de práticas de ensino procuram, intencionalmente, ocorrer por meio de objetivos comunitários, promovendo a transformação da realidade que os circunda. Vimos que a educação formal, informal e não formal podem ser, portanto, grandes aliadas para a aprendizagem ao longo da vida.

O interessante foi que, como o tema falava justamente sobre o que eles vivem na escola, os estudantes ficaram totalmente confortáveis para falar também sobre a realidade vivida.

Uma observação interessante sobre a educação não formal é que:

Enquanto na educação formal quem educa é o professor, na educação não formal, o grande educador é o outro, aquele com quem interagimos ou nos integramos [...]. As escolas são os espaços territoriais da educação formal. Por outro lado, na educação não formal, os espaços educativos localizam-se em territórios que acompanham as trajetórias de vida dos grupos e indivíduos, fora das escolas, em locais informais, locais onde há processos interativos intencionais. (GOHN, 2006, p. 29 apud BARZANO, 2008, p.2).

A educação formal tenta transferir o conhecimento que o professor tem, e, muitas vezes, não tem para o aluno com a ajuda de livros e materiais de apoio, isso, geralmente é o dia a dia dos estudantes na escola e eles puderam ver na universidade, neste dia, que existem outras formas de estudar sem precisar ficar na mesmice.

Dentre os alunos que compareceram neste encontro, um deles se destacou, interagiu com o grupo de trabalho presente e por diversos momentos

o assunto foi relacionado à realidade dos estudantes, levando-os a serem questionados, o estudante não hesitou em momento algum, sempre posicionando-se durante a roda de conversa, o que demonstrou que, além de estar à vontade, sentia pertencimento ao grupo que discutia.

Também não poderia deixar de mencionar o dia em que tivemos convidado e os alunos tiveram prazer de conhecer o famoso Francisco Amaro, mais conhecido como Chico Minhoca, Técnico em Agroecologia formado pela Universidade Federal do Paraná Setor Litoral (UFPR). Chico, como é carinhosamente chamado pelos seus amigos, dividiu conhecimentos referentes à horta, jardim, meio ambiente de uma forma dinâmica e lúdica que envolveu a todos.

As informações foram acompanhadas do uso de material concreto de modo que os estudantes puderam manusear e observar, desde a casca da banana para compostagem, como serragem, minhoca, minhocário, feijão, cartaz, seguido das explicações.

Chico falou da horta sensorial, tema atual que vem ganhando espaço nas discussões e debates sobre o meio ambiente, pois consiste na montagem de horta devidamente planejada, juntamente com jardim. Em um determinado momento trocou de roupa para representar a minhoca e falar das partes da mesma.

Todo processo biológico de valorização da matéria orgânica, seja ela de origem urbana, doméstica, industrial, agrícola ou floresta, e pode ser considerada como um tipo de reciclagem do lixo orgânico. Foi abordado, também, sobre as diversas formas de fazer uma compostagem, vermicompostagem - técnicas e manejo e, ainda, sobre as energias renováveis (água, telhado verdes e resíduos em geral) como formas de geração de energia.

A aula diferenciada que o Chico nos ofertou neste encontro foi muito interessante, os alunos tiveram contato diretamente com a terra já preparada (adubo). Acreditamos que provocou nos alunos a reflexão, construção de novas ideias e atitudes, além do conhecimento dos procedimentos técnicos.

As atividades práticas como forma educativa estimula a criatividade do aluno, potencializando o aprendizado. Assim, surgiu dos estudantes a ideia de confeccionar lixeiras coloridas para serem colocadas em um ponto estratégico

da escola, que naquele momento ainda não estava definido e um cartaz com algumas informações sobre a separação do lixo e impactos na saúde.

Ao realizarmos este planejamento com os estudantes os mesmos perceberam a importância de confeccionar uma lixeira também para o lixo eletrônico. Nesse sentido, definimos os materiais necessários para a produção das lixeiras e nos organizamos para levá-los na semana seguinte para iniciarmos a produção das lixeiras.

Após finalizarmos a confecção das lixeiras, as mesmas foram colocadas em um ponto estratégico do colégio para sinalizar aos outros estudantes a importância da separação correta dos lixos e possibilitando que estudantes pudessem socializar o aprendizado adquirido durante o semestre.

Como nosso entendimento era trabalhar no paradigma emancipatório, nos fazia sentido que a forma de avaliar cada estudantes fosse diferenciada, dessa forma, optamos pelo processo de autoavaliação qualitativa.

A avaliação qualitativa pretende ultrapassar a avaliação quantitativa, sem dispensar esta. Demo afirma que qualidade não se expressa diretamente em números, porque não é precisamente o lado numérico da coisa, mas pode referenciar-se indiretamente através de indicadores de qualidade. A autoavaliação é um processo complexo, que envolve a troca de experiências entre os sujeitos e exige o diálogo que se configura no dia a dia da escola.

Nesse sentido, Farias et al (2011, p. 123) corrobora ao afirmar que:

a autoavaliação se caracteriza como um olhar sobre nós mesmo, uma situação avaliativa liberta da prática convencional, em que um atribui nota ou conceito a outros pela via da quantificação dos conhecimentos aprendidos. Não se trata de um exercício simples, reduzindo a mera mensuração do nosso próprio desempenho, eles se sustentam em critérios prévios e coletivamente estabelecidos, uma reflexão ética sobre nossas realizações, conquistas, dificuldades e inquietações; implica uma revisão dos compromissos anteriormente assumidos, efetivados ou não.

A autoavaliação se caracteriza como um processo em que o estudante reflete sobre seu próprio mecanismo de aprendizagem. É o pensar sobre o pensar. É a reflexão sobre os próprios processos de construção de conhecimento.

Através da proposta, tanto na abordagem como na realização das atividades, tentamos possibilitar aos estudantes a contextualização dos

conteúdos na realidade em que o Colégio está inserido, inclusive, com as questões sobre os desafios educacionais contemporâneos como a diversidade sociocultural e a política educacional de educação ambiental, de acordo com a Lei nº 7.945/99 (BRASIL, 1999):

Art. 1º Entendem-se por educação ambiental os processos por meio dos quais o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas para a conservação do meio ambiente, bem de uso comum do povo, essencial à sadia qualidade de vida e sua sustentabilidade.

Ao trabalharmos em sala de aula utilizando uma metodologia fora do tradicional, conseguimos despertar a consciência dos alunos para a problemática fazendo com que eles refletissem sobre o assunto. Nos últimos minutos finais de algumas aulas realizamos uma autoavaliação com os seguintes critérios.

- Participação;
  - Presença.
1. Autoavaliação do estudante 1 – “Eu acho que mereço 2,0, fiz algumas tarefas solicitadas em sala de aula, participei de alguns debates porém as pesquisas para realizar em casa não fiz. Não mereço uma nota maior porque me acho preguiçoso”.
  2. Autoavaliação do estudante 2– “Eu mereço 4,5 porque eu fiz as tarefas solicitadas, aprendi bastantes coisas sobre resíduos sólidos. Não me dei a nota 5,0 porque não fiz as pesquisas passadas para casa”.
  3. Autoavaliação do estudante 3 - “Eu acho que mereço 4,0, pois eu participei das atividades em grupo e a individual em sala de aula só não mereço 5,0 porque eu não me esforcei nas pesquisas passadas pra casa.
  4. Autoavaliação do estudante 4 – “Eu me avalio com 1,5 porque faltei na primeira aula e na aula que eu participei fiz as atividades propostas”.

Pedro Demo (1996) assegura que:

A avaliação qualitativa supõe, em seu grau mais elevado e em si correto, um profundo processo participativo, que realiza não somente

a necessária envolvimento política, mas o surgimento de outras formas de conhecimento, obtidas da prática, da essência, da sabedoria, sem com isso desprezar, em momento algum, a boa teoria. (DEMO, 1996, p.41)

Observamos que este tipo de avaliação possibilita aos estudantes refletir melhor sobre os próprios comportamentos, pensamentos e sentimentos, ou seja, possibilita que o estudante analise seu próprio percurso e reflita sobre ele.

Utilizando uma metodologia diferenciada nesse 4º estágio, consegui perceber que é possível, sim, ter uma aula diferenciada com ótimos rendimentos. A aprendizagem depende de muitos fatores como interesse, criatividade, motivação, tanto por parte dos estudantes como dos professores. Sobretudo, o ambiente de ensino precisa ser favorável à aquisição do conhecimento.

Destaco como meu maior aprendizado a importância do planejamento realizado antes de cada atividade a ser aplicada, pois possibilitou traçar objetivos, elaborar estratégias para alcançá-los e, se necessário, retratar caminhos.

### **3. OUTROS ESPAÇOS DE FORMAÇÃO QUE AUXILIARAM NA TRANSIÇÃO DA DISCENTE PARA A DOCENTE**

Durante os quatro anos de formação, meu olhar foi se modificando aos poucos e minha transformação acontecendo a cada passo dado. Dessa forma muitos outros espaços pedagógicos também foram responsáveis pela minha transição. A seguir, apresento alguns desses espaços e apresento como os mesmos me impactaram.

#### **3.1 Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID: Espaço de Formação de Professores**

A finalidade do PIBID é apoiar a iniciação à docência de estudantes de licenciatura, visando a aprimorar a formação dos docentes e contribuir para a

elevação do padrão de qualidade da educação básica. O PIBID atua na valorização dos futuros docentes, pois o programa traz a experiência necessária para que os alunos decidam se querem ou não ser professores para tratar de modo adequado o problema inerente ao processo de ensino e de aprendizagem, consequentemente, contribuir para a elevação da qualidade de ensino da escola pública.

Minha primeira experiência à frente de uma sala de aula como professora foi o PIBID que me proporcionou. Era um projeto sobre botânica com a professora Ana Franco, no Colégio Maria Helena, em Pontal do Paraná, participei por um semestre. A primeira impressão que tive é que estava no lugar certo e que, realmente, era essa a profissão que eu queria seguir. Confesso que a primeira vez que um aluno me chamou de professora foi estranho, mas uma injeção de ânimo.

Após a primeira vivência, participei, também por meio do PIBID, do projeto da qualidade do ar em Paranaguá, no Colégio Morozovski. Fazíamos coletas diárias com os alunos para verificar o pH da água, a velocidade do vento, o nível de poluição do ar. Os professores responsáveis eram Luiz Fernando de Carli Lautert e Rodrigo Arantes Reis. Entrávamos em sala utilizando os dados que tínhamos coletado e incrementávamos as aulas. Foi também onde eu comecei a elaborar o plano de cada aula que iria ser realizada na semana seguinte, sempre acompanhados da professora da escola.

Foi um processo ótimo, tenho boas lembranças, aprendi muito. Acredito que todos os estudantes que desejam ser professores deveriam passar por um projeto como o PIBID. Nele conhecemos a realidade da profissão, aprendemos a trabalhar em conjunto e a elaborar aulas atrativas, envolvendo cada estudante em um objetivo único, além de, no meu entendimento, elevar a qualidade da formação inicial de professores nos cursos de licenciatura.

### **3.2 Projeto de Aprendizagem – PA**

O projeto de aprendizagem é um espaço curricular da UFPR Litoral para todo estudante, independente do curso. Nele, acompanhado de um professor mediador, o estudante é incentivado a identificar uma demanda em sua



comunidade e desenvolver um pesquisa que apresente alternativas de melhoria e/ou transformação social.

Os PAs permitem que os indivíduos construam o seu conhecimento de maneira integrada, percebendo criticamente a realidade. O estudante alia o aprofundamento metodológico e científico à preparação para o exercício profissional, desenvolvendo habilidades de auto-organização e produtividade.

Meu projeto de aprendizagem foi sobre a Culinária Caiçara do Litoral do Paraná, a intenção era valorizar as origens tradicionais gastronômicas do litoral. A construção do projeto teve participação de uma colega de Curso, a Paula, pois nossas ideias eram próximas e decidimos construir juntas. Fomos mediadas pelo professor Luiz Fernando de Carli Lautert (Luizão) que em alguns encontros nos direcionava para que pudéssemos ter êxito no projeto.

Desenvolvemos um planejamento inicial com alguns objetivos que deveríamos seguir. Começamos, primeiramente, focando no nosso município e depois estendemos para outros municípios aqui do nosso litoral. Descobrimos que algumas famílias ainda seguem a tradição de produzir seus próprios alimentos e os comercializam em mercados municipais como o de Paranaguá e também em feiras semanais.

Na apresentação final do projeto, levamos a bala de Antonina, a cachaça de Morretes – cataia e um livro de receitas típicas locais como demonstração do nosso trabalho.

O importante a meu ver sobre este espaço de formação, é que ele nos proporciona conhecimento com autonomia, ou seja, a partir do que eu desejava produzir, traçava um roteiro de pesquisa que contemplasse fundamentos teóricos que respaldariam o projeto.

Aprendemos a importância do planejamento para que tenhamos sucesso nas atividades. Todo esse processo foi aos poucos fazendo sentido em nosso aprendizado, quando chegamos ao final com objetivo alcançado foi muito satisfatório.

Percebo a importância da aprendizagem por projetos que nos leva à construir conhecimento desde o momento em que somos desafiados e buscamos soluções para resolver problemas. Esse é o ponto de partida para o aprendiz se movimentar, interagir com o desconhecido ou com novas situações, apropriando-se e construindo novos saberes.

### **3.3 As Interações Culturais Humanísticas - ICH e suas contribuições para a formação docente**

As ICHs representam um eixo pedagógico da UFPR Litoral que reúne alunos de diversos cursos e períodos em que são desenvolvidas temáticas diversas e cada sujeito tem a oportunidade de matricular-se de acordo com seu interesse na temática. É mais um espaço de aprendizagem que tem grande importância na formação docente, pois como professores iremos trabalhar com crianças de diversas idades e culturas e teremos sempre que pensar em algo que deixe uma aula mais atrativa.

Durante os quatro anos de formação, participei da ICH sobre Alimentação Saudável por duas vezes; Atividades Físicas para Mulheres, também por duas vezes; Brinquedos como Possibilidade Educativa; Reconhecimento do Entorno da Universidade; Tabuleiro de Xadrez e no último semestre as Políticas Públicas.

Todos esses espaços de aprendizagem propiciavam aos participantes grande envolvimento. Este espaço também foi fundamental para criar e estreitar laços com estudantes de outros cursos, possibilitando a troca de experiências com pessoas de diferentes formação e distintas áreas do conhecimento.

Compreendo a partir disso que sabendo utilizar o espaço em que se estamos inseridos podemos ser criativos e transformar uma aula do modelo tradicional em um modelo diferenciado que possibilita aprendizagens significativo ao aluno. É o que desejo levar pra sala de aula.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Estágio Supervisionado oportunizou compreender a construção da identidade profissional, entender que a formação profissional do professor é um lugar de constante construção e desconstrução e que ela ocorre essencialmente mediada pelos lugares e sujeitos.

Percebo que para fazer-me uma professora foi preciso tornar-me reflexiva, autônoma, capaz de compreender a realidade em que atuo e meu papel nesse contexto. Além disso, ao tornar-me uma nova profissional, formada no espaço de mudança, foi preciso colocar-me na condição de agente transformador da realidade na qual atuo.

Nessa fase de finalização consigo perceber que o estágio é um momento único em que os estagiários se veem professores, onde começam a desenvolver suas ideias e concepções sobre a profissão, ou seja, é o momento da transição, em que passamos a nos identificar como profissionais da educação.

Levarei comigo aprendizados enriquecedores que ao longo desses quatro anos capacitaram-me para que eu me tornasse uma profissional segura de mim. A cada estágio uma nova forma de me portar como professora, a cada semestre um desafio que era superado, a angústia que tinha no início, a ansiedade e o turbilhão de incógnitas foram se diluindo. Cada encontro que fazíamos em sala ajudava ainda mais a enfrentar a realidade.

A proposta diferenciada dos módulos de cada semestre, as ICHS, o P A, as semanas acadêmicas, tudo cooperou para a minha formação, pois foram nesses espaços que aprendi que sozinhos não sabemos nada, mas em conjunto e com um objetivo conseguimos alcançar o sucesso. Agora é saber levar todo conhecimento para sala de aula, colocando-me no lugar do outro antes de o pré-julgar.

Há quatro anos ingressava na universidade uma Suely que não tinha a noção do que realmente é ser um professor e que não tinha certeza se era esse mesmo o Curso que pretendia fazer. Por varias vezes pensei em desistir porque parecia não ser o meu mundo, pensava: “meu Deus, o que estou

fazendo aqui?”. Para não decepcionar meu marido que tanto falava para eu estudar, meus pais e minha irmã que sempre diziam que eu tinha “cara” de professora, me mantive firme. Hoje posso dizer que os planos de Deus não são os meus e que tudo que aconteceu tinha que acontecer para que eu crescesse como pessoa e com mais confiança em mim mesma. Passaria por tudo de novo se fosse preciso, porque agora vejo o quão necessário é estar em constante mudança em tudo na vida. Nada é por acaso, tudo tem um propósito e só depois que percebemos que foi necessário passar pelo que passamos.

Pretendo ser uma profissional com competências e saberes necessários e consciente da profissão, uma professora que os alunos tenham prazer em participar das aulas e que tenham a mim como exemplo.

Agora, ao final do Curso, digo com satisfação que valeu a pena cada esforço, cada ansiedade, cada nervoso passado, cada apresentação, cada projeto executado, cada texto lido indicado pelos professores.

Daqui para frente serão novos desafios, novas etapas de nossas vidas. Confesso que um friozinho na barriga já começa a surgir, mas a vontade de querer crescer ainda mais é maior. Espero que o futuro reserve alegrias, que meus sonhos se tornem em realidade, fazer uma pós, um mestrado e ser professora de uma Universidade são o que espero que um dia Deus me abençoe.

Gratidão é a palavra mais adequada a ser usada em agradecimento a Deus e aos que me acompanharam nesse processo.

## 5. REFERÊNCIAS

CUNHA, Marta Lyrio da; VILARINHO, Lúcia Regina Goulart. CONCEPÇÃO EMANCIPATÓRIA: uma orientação na formação continuada a distância de professores. *Diálogo Educacional*, Curitiba, Brasil, v. 26, n. 9, p.133-148, jan. 2009. Disponível em: <<http://www2.pucpr.br/reol/pb/index.php/dialogo>>. Acesso em: 25 jun. 2018.

CURY, Augusto. Pais brilhantes, professores fascinantes: A educação inteligente; formando jovens educadores e felizes. Rio de Janeiro: Editora Sextante, 2003.

DEMO, P. Educar pela pesquisa. Campinas: Autores Associados, 1996.

FARIAS, I.M.S.; SALES, J.O.C.B.; BRAGA, M.M.S.C.B.; FRANÇA, M.S.L.M. Didática e Docência: aprendendo a profissão. 3. ed., Brasília: Liber Livro, 2011. p. 116-123.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. 25ª ed. São Paulo: Paz e Terra S/A, 1996. 202p

FREIRE, P. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. 41 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

FREIRE, P. Pedagogia do Oprimido. 10. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. \_\_\_\_\_ . Desmistificação da Conscientização. São Paulo: Loyola, 1979.

GOHN, Maria da Glória. Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. Ensaio: aval.pol.públ.Educ. 2006, vol.14, n.50, pp. 27-38. ISSN 0104-4036. [http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes\\_pde/2014/2014\\_uel\\_bio\\_pdp\\_maria\\_saete\\_bortholazzi\\_almeida.pdf](http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2014/2014_uel_bio_pdp_maria_saete_bortholazzi_almeida.pdf)> consulta em 21/11/2018

TARDIF, Maurice. Saberes docentes e formação profissional. Petrópolis: Vozes, 2002.

Vigotski, L. S. (2000). Lev S. Vigotski: Manuscrito de 1929. Educação e Sociedade, 71, 21-44. (Trabalho original publicado em 1929)